

1

A EPISTEMOLOGIA NUMÉRICA DE FILOLAU

*Erick D'Luca*¹

INTRODUÇÃO

“O grande arquiteto do universo é harmonia, é concórdia”

Luiz Gonzaga

Filolau não dispensa apresentações, dado que, dentro do cânone da origem da filosofia antiga, ou, como chamamos corriqueiramente, filosofia pré-socrática, o filósofo-pitagórico não parece ter sequer um local dentro dos manuais de filosofia arcaica. Quando é mencionado, essas menções nada mais são do que breves comentários relacionando substancialmente sua filosofia a um pitagorismo místico e doutrinário. Filolau aparenta ter, nesses manuais, um papel de menor relevância do que demais filósofos da sua época, esses que, na maioria das vezes, Filolau debate diretamente, como é o caso de Parmênides, Anaxágoras e Anaximandro (HUFFMAN, 1993).

Filolau foi um filósofo-pitagórico. Viveu em torno de 470 aEC a 385 aEC, sendo, portanto, de acordo com Huffman (2003), contemporâneo de Sócrates. A relevância de Filolau, contudo, se torna mais nítida quando se conhece o impacto direto que o filósofo teve em Platão e Aristóteles. Filolau é citado em uma das mais célebres obras de Platão:

¹ É licenciado em filosofia pela Universidade de Brasília. Atualmente, é mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Metafísica da Universidade de Brasília. É pesquisador vinculado à Cátedra UNESCO Archai: as origens do pensamento ocidental (<http://www.archai.unb.br>), onde pesquisa sobre Filolau, pitagorismo e Platão. E-mail: erickdlucaunb@gmail.com

o *Fédon* (*Phd.* 61d5). Além dessa, há indícios que sua filosofia perpassa outras obras platônicas como o *Filebo* e o *Timeu*. Platão é acusado, em D.L., VIII, 85, de plagiar a obra de Filolau. Segundo Burkert (1972), Aristóteles, ao apontar os equívocos platônicos, menciona, na maioria das vezes, os “assim chamados pitagóricos” como influenciadores diretos de Platão. De acordo com Huffman (1993), não há dúvidas de que, em vários textos aristotélicos, o Estagirita esteja falando sobre Filolau. Entretanto Aristóteles, na maioria dos textos², não se refere ao filósofo de Crotona explicitamente, mas sim pela expressão “assim chamados pitagóricos”, contudo, é possível identificar correspondências diretas do que Aristóteles atribui aos “assim chamados pitagóricos” com o que a tradição tardia preservou sob o nome de Filolau.³

Todavia, a sua relevância não se restringiu somente à sua época. Na modernidade, Filolau é citado quatro vezes no texto *A Revolução dos Orbes Celestes* de Nicolau Copérnico (1543). Gomperz, ao comentar da influência do modelo astronômico de Filolau no desenvolvimento do modelo heliocêntrico de Copérnico, diz que “A posição central da Terra e sua imobilidade foram deixadas de lado, e o caminho estava aberto para a doutrina copernicana [...]” (GOMPERZ, 1965, p. 33)⁴.

1. TRÊS DECLARAÇÕES ARISTOTÉLICAS ACERCA DO NÚMERO

Em conformidade com Huffman (1988), Zhmud (1989) e Cornelli (2011), Aristóteles é contraditório ao expor de modo tripartite a

² De acordo com Zhmud (1989), Filolau só é citado explicitamente uma vez por Aristóteles na *Ética Eudemia* (EE.1225a31), mas essa citação é, basicamente, irrelevante.

³ Cf. Huffman (2003) para uma discussão mais aprofundada da questão.

⁴ Orig.: “The central position of the earth and its immobility had both been given up, and the way was open for the Copernican doctrine [...]”

concepção do número dos “assim chamados pitagóricos”. A primeira concepção se dá pela compreensão do número enquanto matéria imanente. Essa afirmação é possível ser confirmada na asserção que diz “[...] não há nenhum outro número, além desse que constitui o mundo?”⁵ (*Metaph.*990a20). Outras asserções sobre essa concepção podem ser verificadas em *Metaph.*1090a32, além de *Metaph.*1083b11 e *Metaph.*1090a24. De acordo com Cornelli (2011), essa concepção ficou conhecida como “atomismo numérico”, pois “[...] os números seriam as coisas porque os números constituem a matéria pela qual as coisas são feitas” (CORNELLI, 2011, p. 219).

A segunda concepção compreende o número enquanto princípio transcendente, portanto, ontológico. É possível ser verificada quando Aristóteles afirma, na *Metaph.* 985b23–26, que “acreditaram [os ‘assim chamados pitagóricos’] que os princípios (ἀρχαί) delas [das matemáticas] eram os princípios de todos os seres”.⁶ Esta concepção será nosso objeto de análise e sobre ela discutiremos na seção seguinte.

A terceira concepção reconhece os números enquanto *mímesis* dos objetos do mundo fenomênico. Todavia, segundo Cornelli (2011), Aristóteles só a apresenta com precisão objetiva em uma passagem onde ele diz que “De fato, os Pitagóricos afirmam que os entes são por imitação dos números”⁷ (*Metaph.*987b11), mas, na passagem dessa afirmação, é possível perceber a intenção aristotélica, que é de identificar a concepção que ele chama “pitagórica” com a de *participação* platônica. Acredita-se que, com essas afirmações, “[...] Aristóteles esteja

⁵ Tradução de Lucas Angioni (2008).

⁶ Tradução de Cornelli (2011).

⁷ Tradução de Lucas Angioni (2008).

tentando diminuir de alguma forma a originalidade da ideia de *méthexis* platônica [...]” (CORNELLI, 2011, p. 222).

1.1 OS PROBLEMAS DA DECLARAÇÃO ONTOLÓGICA

Na *Metafísica* (*Metaph.*1091a5-13), Aristóteles associa o número um com a filosofia pitagórica. Nessa passagem ele parece estar tentando desqualificar Platão⁸, em conformidade com Huffman (1993) e Cornelli (2011). O Estagirita concebe o um pitagórico enquanto Um, partindo, então, mais uma vez, para um significado ontológico. Entretanto, se associarmos seu relato com o célebre fr.7 de Filolau que diz que: “A primeira coisa juntada, o um (τὸ ἓν) no centro da esfera é chamado lareira (ἑστία)” (Fr.7 ou 44 B7 DK).

Segundo Huffman (1993), Filolau não compreende o um de modo ontológico: seu fragmento está relatando a primeira coisa a ser juntada pela tríade *archai* (seção 3.1) – o fogo central, este que é chamado de *hestia*.⁹

A afirmação do número ontológico revela-se, então, equivocada, dado que não há, mesmo em fontes mais antigas, razões que justifiquem a atribuição de que “tudo é número” aos pitagóricos (ZHMUD, 1989). De acordo com Cornelli (2011), vários autores, inclusive Aristóteles, buscaram um denominador comum que permitisse identificar algum autor como pitagórico. Entretanto, o critério identitário que perdurou foi exatamente o que se baseia nas afirmações aristotélicas¹⁰, portanto,

⁸ Para um aprofundamento desta questão. Cf. (CORNELLI, 2011, p. 244).

⁹ Para um aprofundamento sobre o fogo central. Cf. Huffman (1993, 2008).

¹⁰ É possível identificar a abordagem aristotélica do pitagorismo em diversos textos pós-aristotélicos que se prestam a discorrer ou comentar acerca da escola pitagórica. Um exemplo disso é encontrado na obra *Dictionnaire de Musique* de Jean-Jacques Rousseau, onde ele afirma "A música fazia parte dos estudos dos antigos pitagóricos. Eles se serviam dela para excitar o coração a ações louváveis e para se

todo pitagórico seria alguém que, necessariamente, discursava acerca dos números.

Primeiramente, é necessário que se saiba que isso que chamamos de pitagorismo, está longe de ser um movimento homogêneo. Segundo Zhmud (1989), isso se dá pelo fato de que, originariamente, o pitagorismo não surgiu como uma escola filosófica e, por essa razão, não pode ser determinado por um certo conjunto de doutrinas pré-estabelecidas, sendo assim, é possível verificar que, em algumas fontes, filósofos como Parmênides e Empédocles também são chamados de pitagóricos.¹¹ O denominador comum de Aristóteles perdurou, sem muitas contestações, até o célebre artigo de Zhmud “*All Is Number?*”, após esse artigo a ótica alterou-se, ao menos no âmbito da pesquisa especializada.

Todavia, essa afirmação de Aristóteles não se tornou “*démodé*” mesmo após o artigo de Zhmud. Inclusive com vários especialistas¹² evidenciando seu equívoco, é possível, nos dias de hoje, encontrá-la como uma espécie de “slogan” da filosofia pitagórica em sites, artigos científicos e manuais introdutórios, como é o caso da obra *Éléments d’histoire de La Philosophie Antique* do doxógrafo francês Jean-Paul Dumont lançada em 1994, que afirma que, para os pitagóricos, “A realidade é formada pelo número e pelo Universo governado pela harmonia. O número é a essência de todas as coisas e todas as coisas são números” (DUMONT, 2004, p. 72).

inflamar do amor à virtude. Segundo esses filósofos, nossa alma era, por assim dizer, formada apenas de harmonia e eles acreditavam restabelecer, mediante a harmonia sensual, a harmonia intelectual e primitiva das faculdades da alma; isto é, aquela que, segundo eles, nela existia antes que ela animasse nossos corpos, quando habitava os céus.” (p. 116).

¹¹ Para um maior aprofundamento sobre o problema de identificação do pitagorismo. Cf. Cornelli (2011).

¹² Por exemplo, Huffman (1988) e Cornelli (2011).

Um segundo problema que não envolve somente a declaração ontológica do número, mas todas as demais declarações, é o fato de que Aristóteles em nenhum momento menciona explicitamente a quem ele se refere. Não há menção sobre um pitagórico específico, ele se refere somente utilizando a expressão os “assim chamados pitagóricos”.

Como vimos acima, o pitagorismo foi um movimento extremamente heterogêneo. O critério identitário proposto por Aristóteles (que todo pitagórico é alguém que fala sobre números) se mostrou equivocado, pois havia outros filósofos, até mesmo anteriores ao próprio Pitágoras, que já mencionavam os números em suas cosmologias, entre eles Anaximandro (12 A11 DK). Mas então fica uma pergunta: a quem exatamente Aristóteles direciona suas afirmações?

Neste artigo será verificado se a afirmação aristotélica sobre o número ontológico é ou não condizente com o fragmento 44 B4 DK de Filolau. De acordo com Huffman (2003), Filolau era o único pitagórico a ter uma obra circulando no V aEC. Reduzindo o critério somente ao período histórico, é mais plausível, portanto, que ela tenha sido a principal fonte de Aristóteles para comentar sobre o pitagorismo daquela época, juntamente com a obra de Arquitas, “[...] o mais provável é que sejam exatamente os livros¹³ de Filolau os textos pitagóricos que estavam na mesa de Aristóteles” (CORNELLI, 2011, p. 232). Em D.L., VIII, 85, é dito que ele foi o primeiro pitagórico a ter uma obra escrita, a qual foi intitulada sob o nome Περὶ Φύσεως (*peri physeos*), ou *Sobre a Natureza*, título que era comumente atribuído a obras da sua época por diversos filósofos, como Parmênides e Anaximandro. Além do mais,

¹³ Cornelli faz menção a uma tradição que atribui Filolau como escritor de três obras. Cf. (CORNELLI, 2011, p. 233) e (HUFFMAN, 1993, p. 13)

segundo Huffman (1993), é impossível não identificar similaridades entre as declarações aristotélicas e os fragmentos filolauicos.

2. A EPISTEMOLOGIA NUMÉRICA

Em 44 B4 DK situa-se o fragmento que relata a função do número no sistema filosófico de Filolau. Esse fragmento nos diz que, “[...] de fato, todas as coisas que são conhecidas (γἰγνωσκόμενα) contêm número (ἀριθμὸν). Por isso é impossível que quaisquer coisas sejam compreendidas ou conhecidas (γνωσθῆμεν) sem este.” (Fr.4 ou 44 B4 DK: E). No fr.4, o particípio “conhecido” se torna uma chave fundamental. No grego há a presença do radical γνωσ (gnos) que vem de γνωσ-ις (gnosis), portanto, o processo de obtenção do conhecimento. O fr.3 concede ainda mais sustentação para a tese aqui apontada, ele nos diz, basicamente que: “[...] de acordo com Filolau, nada será verdadeiramente conhecido (γνωσούμενον) se tudo for ilimitado (ἀπείρων) [...]” (Fr.3 ou 44 B3 DK).

Vemos novamente no fr.3 a presença de *gnosis*. Com esses fragmentos, é possível perceber a preocupação de Filolau com a obtenção do conhecimento, contudo, essa preocupação não tem o filósofo de Crotona como seu inaugurador. De acordo com Huffman (1993), uma preocupação epistemológica e com o limite do conhecimento já estava presente em textos homéricos, por exemplo, a apelação às Musas. No *Poema* de Parmênides também é possível encontrar um germe dessa discussão. Parmênides relata, em seu fr.8, que “[...] [o ente (ἔστιν)] ingênito sendo é também imperecível, pois é todo inteiro, inabalável e sem fim [...]”¹⁴. No fr.6 de Filolau é possível

¹⁴ Tradução de Marques (1990).

perceber mais uma tentativa de corresponder às exigências parmênidas. Sobre este fragmento veremos na seção 3.1.1.

Segundo Cornelli (2011), por divergir dos filósofos jônicos, Filolau acaba por se aproximar de Parmênides, tanto ele quanto Filolau discursam acerca da incognoscibilidade do ser das coisas¹⁵ e, além disso, ambos denotam uma característica divina ao ser último. Dada essa impossibilidade do conhecimento do ser último, Filolau comenta que nosso conhecimento previamente obtido e que pode vir a ser obtido é possibilitado por uma díade dissemelhante composta de limitantes e ilimitados (HUFFMAN, 1993).

Huffman (1993), propõe uma questão interessante: para Filolau, qual seria o modo mais seguro para a obtenção do conhecimento? E a pergunta de Huffman não se mostra sem fundamentos, pois muitos filósofos anteriores já abordaram essa questão, por exemplo, em 22 B55 DK, Heráclito afirma “O que prefiro é o que aprende a visão, a audição”¹⁶. Filolau, em seu fr.2, parece dar maior credibilidade aos sentidos do que ao *lógos*, além disso, esse fragmento também apresenta a díade dissemelhante, que é a *archai* do seu sistema filosófico. Sobre a credibilidade dos fenômenos discorreremos na seção 3.1.

É possível verificar, a partir desse fragmento, uma incompatibilidade com as afirmações aristotélicas, pois o número para Filolau não é pensado de modo ontológico, mas de modo epistemológico, em conformidade com Huffman (1988), Zhmud (1989), Cornelli (2011). Além desses autores, Charles Kahn também conclui o mesmo em *lato sensu*, entretanto, ele afirma isso do seguinte modo: “Os pitagóricos

¹⁵ No fr.6 é dito que o ser das coisas não é possível de ser desvelado pela inteligibilidade humana.

¹⁶ Tradução de Emmanuel Carneiro Leão (2017).

também parecem ter dado a este pensamento outra guinada mais epistemológica: esse número é o que faz as coisas conhecíveis.” (KAHN, 1974, p. 173)¹⁷. Percebe-se que Kahn opta por não se referir diretamente a Filolau ao tecer sua afirmação, mas no fim acaba sendo evidente que ele está falando acerca do filósofo de Crotona.

De acordo com Cornelli (2011), o fr.5 também auxilia na identificação da realidade expressa em números. Esse fragmento diz que: “O número possui duas espécies que lhe são próprias: o ímpar e o par; a terceira, resultante da mistura de ambos, é o *parímpar*. De cada uma das duas espécies existem muitas formas, das quais cada coisa enquanto tal dá sinais.” (Fr.5 ou 44 B5 DK)¹⁸.

“As três espécies dos números, propriamente, não correspondem à realidade, e sim a sinais emitidos pela realidade para que esta possa ser conhecida.” (CORNELLI, 2011, p. 271). Essa coisa que dá sinais é, possivelmente, mais uma relação de Filolau com a filosofia de Parmênides, que diz em 28 B8 DK, sobre os “sinais” ou “acenos” no caminho do ser. Aqui há, mais uma vez, uma demonstração do caráter epistemológico dos números para Filolau.

Vimos na primeira seção que, na declaração ontológica sobre o número pitagórico, Aristóteles fala explicitamente em termos de *archai*, os princípios últimos da realidade ou melhor: aquilo que é a causa primeira de toda a realidade.

Cornelli (2011) declara que se, e somente se, considerássemos a primeira parte do fr.4 poderia se concordar com a afirmação aristotélica, dado que a expressão “contém número” pode ser entendida

¹⁷ Orig.: “The Pythagoreans seem also to have given this thought another, more epistemological turn: that number is what makes things knowable.”

¹⁸ Tradução de Cornelli (2011).

como uma pluralidade ordenada a partir da interpretação grega de *arithmoí* e, no fim das contas, significaria dizer que tudo aquilo que é, basicamente, é número. No entanto, é evidente na segunda parte do fragmento que Filolau interpreta o número como condição necessária para o conhecimento do real, portanto, para o filósofo de Crotona, o número é interpretado como um princípio epistemológico, “[...] graças ao fato de a realidade ‘ter número’ é que ela pode ser conhecida, enquanto é passível de uma descrição numérica” (CORNELLI, 2011, p. 270) e, além disso, deve-se captar os sinais que a realidade emite, como mostra o fr.5.

Essa afirmação epistemológica vai de encontro à declaração de Aristóteles que compreendia o número como *archaí* em um sentido ontológico. Todavia, Filolau postula *archaí* em seu sistema filosófico, mas não do modo como Aristóteles propôs.

2.1 A TRÍADE *ARCHAÍ*

Como demonstrado acima, o sistema filolaico não detém uma metafísica que concede ao número um papel ontológico, mas esse papel em sua filosofia é exercido por uma díade dissemelhante composta de limitantes e ilimitados. Isso se constata em 44 B1 DK:

Fr.1 ou 44 B1 DK: Demétrio, nos *Homônimos*, diz que Filolau foi o primeiro, entre os pitagóricos, a publicar um *Sobre a Natureza* (Περὶ φύσεως), no qual começa de tal modo: “*Physis* no cosmos foi juntada (ἀρμόχθη) tanto a partir das coisas que são ilimitadas (ἄπειρων) quanto a partir das coisas limitantes (περαινόνων), tanto o cosmos como um todo quanto as coisas que nele estão contidas” (D.L. VIII. 85).

O sistema de Filolau possui uma tessitura metafísica finíssima, “A metafísica filolaica dos limitantes e ilimitados é perfeitamente inteligível como uma resposta aos problemas surgidos na tradição da metafísica pré-socrática [...]” (HUFFMAN, 2016, p. 36).¹⁹ Filolau, diferentemente de outros filósofos do período arcaico, não falava sobre a *arché* em termos materiais, mas em sentido plenamente metafísico, utilizando uma díade composta de limitantes e ilimitados.

Huffman (1993) atenta ao fato de Filolau não explicitar se a sua díade corresponderia a outras coisas. Além de Huffman, diversos pesquisadores e comentadores tentaram denotar algum tipo de explicação do que seria a díade filolaica, entre eles Burkert (1972) e Barnes (1982), este tendo produzido uma interessante hipótese que afirmava os limitantes e ilimitados enquanto correspondentes às formas e às coisas, respectivamente. Em concordância com Huffman (1993), acredita-se que a ausência de exemplificação por parte de Filolau foi proposital e que, na verdade, se dá como uma resposta às *archai* unicamente ilimitadas e materiais dos filósofos que o antecederam como Parmênides, Anaxágoras e, de um certo modo, Anaximandro.

Pela sintaxe do fr.1 é possível perceber a intensidade do diálogo de Filolau com os filósofos do período arcaico, por exemplo, a utilização da palavra *á-peiron* – o não-limitado, já remete a Anaximandro, que estabeleceu a *arché* do seu sistema como *ápeiron* (KAHN, 1960). Contudo, Cornelli (2011) e Huffman (1993), atentam ao fato de que a díade não é exclusivamente uma abstração metafísica, mas, também, atributos da realidade. Cornelli (2011) diz que essa afirmação se constata quando se analisa o 44 B2 DK de Filolau.

¹⁹ Orig.: “Philolaus’ metaphysics of limiters and unlimiteds is perfectly intelligible as a response to the problems raised in the tradition of Presocratic metaphysics”.

Fr.2 ou 44 B2 DK: É necessário que todas as coisas que são sejam limitantes ou ilimitadas ou ambas: limitantes e ilimitadas, mas não em todo caso apenas ilimitadas. Agora, desde que é manifesto (φαίνεται) que nem a partir de coisas apenas limitantes, nem a partir de coisas que são apenas ilimitadas, é claro, portanto, que o cosmos e as coisas nele foram juntadas (συναρμύχθη) a partir de ambas: limitantes e ilimitadas. As ações dessas coisas deixam isso claro, pois aquelas que provém das limitantes limitam. Aquelas que são de ambos, tanto de limitantes, quanto de ilimitadas, limitam e não limitam e aquelas que são a partir das ilimitadas serão evidentemente (φανέονται) ilimitadas.

Pode-se constatar a afirmação dos autores ao perceber a utilização de *pháinetai* e *phanéontai* por parte de Filolau. Essas palavras compartilham da mesma raiz de φαί-νομένω – *phainoménō*, que significa fenômeno. A escolha dessas palavras por Filolau não é contingente. No fr.2 ele insiste em repetir palavras que denotam uma característica de manifestação fenomênica à diáde.

Ao chegar à conclusão de que não há possibilidade das coisas que são serem somente ilimitadas,²⁰ mas sim uma harmonia entre limitantes e ilimitados, Filolau evidencia uma resposta direta a certos predecessores como: Anaximandro, Anaxágoras e Anaxímenes. A razão pela qual isso se dá como uma resposta a Anaximandro foi possível de ser compreendida acima. Em 59 B1 DK, Anaxágoras dizia que “todas as coisas estavam *juntas, ilimitadas* tanto em quantidade, quanto em

²⁰ O primeiro período do fr.2 dá-se a entender que Filolau está concordando com a necessidade de que todas as coisas que são sejam ou limitantes ou ilimitadas. O filósofo de Crotona está apresentando três possibilidades nesse período: que tudo seja limitante, que tudo seja ilimitado ou uma harmonia entre ambos. O todo limitante parece estar incluído nessa argumentação com um objetivo puramente dialético, ou seja, para se contrapor ao todo ilimitado, que era princípio ontológico e suficiente para os filósofos que ele está respondendo. Contudo, como aponta Huffman (1993), a conclusão que é própria de Filolau é a terceira – a da coparticipação.

pequenez”.²¹ Anaxímenes, em 13 A5 DK, coloca o ar como princípio material definido e ilimitado.

O já apresentado fr.5 também parece ter uma relação com a díade, enquanto esta opera em uma instância ontológica, o par, ímpar e o *parímpar* operariam em uma instância epistemológica. Em concordância com Cornelli (2011), a instância epistemológica faz uma correspondência direta com a instância ontológica. O *parímpar* exerceria a função da harmonia (seção 3.1.1), enquanto o par seria símbolo dos limitantes e o ímpar símbolo dos ilimitados, assim aponta Aristóteles na *Metaph.* 986a17-19. Na realidade, uma considerável parte do sistema filosófico de Filolau parece sempre, de algum modo, tentar corresponder ao nível ontológico, mais um exemplo disso se dá, também, em sua astronomia, onde o fogo é considerado como elemento símbolo do ilimitado, e pelo espaço cêntrico, no qual esse fogo é situado, seria correspondente ao limitante por delimitar espacialmente o fogo, com isso concorda Huffman (1993).²²

Porém, “[...] o fato de a realidade ser constituída por ilimitados e limitantes não significa que estes possam explicar todas as coisas; pois a realidade tem *também* números [...]” (CORNELLI, 2011, p. 274). Como aponta Cornelli, as *archai* ontológicas de Filolau não são princípios suficientes de explicação do mundo. Os números servem para explicar alguns determinados fenômenos, como a música (ver seção 3.1.1). Em seus relatos médicos, por exemplo, Filolau aborda outras *archai* para explicar as enfermidades. Nesses relatos não nos deteremos nesta pesquisa.²³

²¹ Tradução de Eduardo Wolf em McKirahan (2013a).

²² Cf. *Cael.*293a27

²³ Para um maior aprofundamento. Cf. Cornelli (2003).

Mas até aqui apresentamos somente a díade dissemelhante composta dos limitantes e ilimitados, que são *archai* do filósofo-pitagórico, ainda não falamos sobre o terceiro princípio do sistema filolaico: a harmonia.

2.1.1 HARMONIA

Em 44 DK B6, é introduzido o conceito de harmonia:

Fr.6 ou 44 DK B6: Concernente à natureza e à harmonia, a situação é a que prossegue: o ser das coisas (ὃ μὲν ἔστω), que é eterno e a natureza em si mesma admitem um conhecimento divino, mas não um conhecimento humano, exceto que seria impossível para quaisquer coisas que são e são conhecidas por nós vir a ser se não preexistisse o ser das realidades a partir do qual o cosmos foi gerado, isto é, as limitantes e as ilimitadas. Mas desde que esses princípios preexistem e não sendo similares ou relacionados, seria impossível eles serem ordenados se uma harmonia (ἁρμονία) não os tivesse encontrado, de qualquer modo que o tenha feito [...]

A harmonia padece do mesmo problema do número: os relatos aristotélicos. Aristóteles, na *Metafísica* diz que: “[...] que a totalidade do céu é harmonia e número [...]”²⁴ (*Metaph.*986a3). Este relato, em parte, tem fundamento, pois evidencia a conexão fortíssima que o número e a harmonia possuíam (HUFFMAN, 1993). Apesar disso, como vimos acima, não se pode afirmar que, ao menos no que tange a filosofia de Filolau, harmonia e número correspondem à “totalidade do céu”.

A conexão de harmonia e número parece estar imbricada ao desenvolvimento músico-matemático daquele período (MCKIRAHAN, 2013b). Filolau, igual a outros filósofos daquele período, como Hípaso e

²⁴ Tradução de Cornelli (2011).

Pitágoras, abordou o conceito de harmonia e, por consequência, o número com aspectos musicais, isto se constata na “parte secundária”²⁵ de 44 B6 DK ou no fr.6a, onde é dito que “A grandeza da harmonia é a quarta pela quinta”, entretanto, não nos cabe aqui investigar o aspecto musical do sistema filolaico.²⁶

Como se pode ver, a harmonia, no sistema de Filolau, surge como uma *arché* conciliadora. A sua finalidade é unificar a díade que é preexistente e dissemelhante, composta de opostos – limitantes e ilimitados. Na versão grega do fr.6, ela aparece como *ἀρμονία*. Se analisarmos sem nos preocuparmos com a literalidade morfológica da palavra, podemos visualizá-la já no fr.1. Neste fragmento ela aparece como *ἀρμό-χθη*, compartilhando da mesma raiz de harmonia, embora no fr.1 se traduza por “juntada”²⁷, o sentido, em última instância, é o mesmo: promover uma conciliação. A harmonia permite a explicação do surgimento da realidade (CORNELLI, 2011; MCKIRAHAN, 2013b) ao fazer a junção da díade. É possível notar que essa junção se dá de modo ocasional. Não há uma elaboração sistemática pela parte de Filolau, a harmonia encontra a díade de um modo ocasional, uma ventura.

CONCLUSÃO

Reduzindo-se a análise somente ao filósofo-pitagórico Filolau, que parece ter sido a fonte principal de consulta de Aristóteles para falar sobre o pitagorismo do quinto século, foi possível visualizar que algumas asserções aristotélicas sobre a escola pitagórica estavam

²⁵ No Diels-Kranz trata-se de um fragmento somente. Essa separação em fr.6/fr.6a é provinda dos comentadores posteriores, por exemplo, Huffman (1993).

²⁶ Para um maior aprofundamento da relação musical no sistema filolaico. Cf. McKirahan (2013b).

²⁷ Na tradução inglesa, Huffman (1993) utiliza a expressão “fitted together”.

equivocadas. A grande problemática se revela ao se comparar os fragmentos preservados pela tradição tardia no nome de Filolau com os relatos de Aristóteles, pois esses relatos parecem incompletos e desviantes, não fazendo jus ao que é apresentado nos fragmentos do filósofo de Crotona.

Isso pode ter se dado por *n* motivos, desde uma tentativa de desqualificação das teses platônicas a uma dificuldade de discorrer sobre o pitagorismo devido à sua pluralidade, partindo assim para uma generalização inadequada de que um pitagórico é, necessariamente, alguém que fala sobre os números. Quanto aos motivos que levaram às asserções de Aristóteles sobre os pitagóricos, esse é um debate presente já na obra *Aristotle's Criticism of Presocratic Philosophy* de Harold Cherniss e que, neste artigo, por economia, não foi possível de ser desenvolvido tão profundamente.

Vimos que Aristóteles apresentou dificuldades já em estabelecer o que era uma doutrina dos números, tendo feito uma tripartição dela: uma imanente, uma ontológica e uma mimética. A proposta ontológica – dos números como *arché* – difundiu-se generalizadamente como um “slogan” da filosofia pitagórica de que “tudo é número”. A partir de uma leitura crítica-comparativa dos fragmentos de Filolau, pôde-se perceber que a proposta número-ontológica de Aristóteles não se adequa ao conteúdo apresentado nos fragmentos.

REFERÊNCIAS

- ANAXIMANDRO; PARMÊNIDES; HERÁCLITO. *Os Pensadores Originários*. Tradução: Emmanuel Carneiro Leão; Tradução: Sérgio Wrublewski. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- ARISTÓTELES. *Metafísica: Livros I, II e III*. Tradução: Lucas Angioni. *Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução n°15*, 2008.

- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Tradução: Valentin G. Yebra. Madrid: Editorial Gredos, 1998.
- BARNES, J. *The Presocratic Philosophers*. London: [s.n.], 1982.
- BURKERT, W. *Lore and Science in Ancient Pythagoreanism*. Tradução: E. Mina. Cambridge: Cambridge University Press, 1972.
- CORNELLI, G. As origens pitagóricas do método filosófico: o uso das archai como princípios metodológicos em Filolau. *Hypnos*, v. v.11, p. 71–83, 2003.
- CORNELLI, G. *O Pitagorismo como Categoria Historiográfica*. São Paulo: Annablume, 2011.
- D’LUCA, E. A CENTRALIDADE DO FOGO NA COSMOGONIA DO PITAGÓRICO FILOLAU. *PÓLEMOS – Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília*, v. 11, n. 22, p. 28–48, 2022. DOI: <https://doi.org/10.26512/pl.v11i22.41781>.
- DUMONT, J.-P. *Elementos de História da Filosofia Antiga*. Georgete M. Rodrigues. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004.
- GOMPERZ, T. The Development of the Pythagorean Doctrine. In: MUNITZ, M. K. (Ed.). *Theories of the Universe: from babylonian myth to modern science*. New York: Free Press, 1965.
- HUFFMAN, C. The Role of Number in Philolaus’ Philosophy. *Phronesis*, v. XXXIII, 1988.
- HUFFMAN, C. *Philolaus of Croton*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HUFFMAN, C. Philolaus and the Central Fire. In: *Reading Ancient Texts. Volume I: Presocratics and Plato*. Leiden, The Netherlands: Brill, 2008. p. 58–94.
- HUFFMAN, C. *Philolaus*, 2003. (Nota técnica).
- KAHN, C. H. *Anaximander and the origins of greek cosmology*. New York: Columbia University Press, 1960.
- KAHN, C. H. Pythagorean Philosophy Before Plato. In: MOURELATOS, A. P. D. (Ed.). *A Collection of Critical Essay*. [s.l.] Princeton University Press, 1974. p. p.161-185.
- LAÉRCIO, D. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Tradução: Mário G. Kury. 2ª ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2014.
- MARQUES, M. P. *Os Caminhos Poéticos de Parmênides*. São Paulo: Loyola, 1990.
- MCKIRAHAN, R. D. *A Filosofia Antes de Sócrates: uma introdução com textos e comentários*. Tradução: Eduardo Wolf Pereira. São Paulo: Paulus, 2013a.

MCKIRAHAN, R. D. Philolaus on Number. In: CORNELLI, G.; MCKIRAHAN, R.; MACRIS, C. (Eds.). *On Pythagoreanism*. Berlin, Boston: De Gruyter, 2013b. p. 179–202.

ROUSSEAU, J. J. *Dicionário da Música*. Fabio Stieltjes Yasoshim. São Paulo: Editora UNESP, 2021.

ZHMUD, L. All is Number? *Phronesis*, v. XXXIV13, p. 270–292, 1989.